

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**  
**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura**  
**e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a**  
**agricultura**

**Área Temática: Negociações Internacionais**

**Período de Análise: 01/05/2013 a 31/05/2013**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal Folha de São Paulo  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Carta Capital

**Estagiária: Yohanan Barros**

## Índice

<b>Maduro busca apoio de Mercosul em meio a tensão com EUA</b> – Folha de São Paulo, Mundo. 07/05/2013 .....	4
<b>Na OMC, Brasil mostrou habilidade em buscar consensos, dizem especialistas.</b> Gabriel Bonis – Site da Carta Capital, Internacional. 08/05/2013 .....	6
<b>Itamaraty tem estrutura focada em conflitos da OMC.</b> Gabriel Bonis – Site da Carta Capital, Internacional. 08/05/2013 .....	8
<b>Ministro participa de encontro da presidenta Dilma com Nicolás Maduro</b> – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 09/05/2013 .....	9
<b>Na China, Brasil e Argentina pedem agilidade em análise de registros de sementes geneticamente modificadas</b> – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 10/05/2013.....	10
<b>Sem solução à vista para Vale no país.</b> Vera Saavedra Durão – Valor Econômico, Agronegócios. 10/05/2013 .....	11
<b>ADM inaugura fábrica de soja no Paraguai</b> – O Globo, Economia. 10/05/2013.....	12
<b>Brasil é o maior receptor de investimento estrangeiro direto da América Latina</b> – Site da Carta Capital, Internacional. 14/05/1991.....	12
<b>Mexicanos conhecem programa de segurança alimentar desenvolvido pelo Mapa</b> – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 15/05/2013 ....	13
<b>Cade aprova compra de ativos de fertilizantes da Bunge pela Yara.</b> Thiago Resende – Valor Econômico, Agronegócios. 16/05/2013 .....	14
<b>Lula negocia exploração de potássio pela Vale na Argentina</b> – Folha de São Paulo, Mercado. 16/05/2013.....	14
<b>Lula entra no debate sobre fim de projeto da Vale na Argentina.</b> César Felício – Valor Econômico, Agronegócios. 17/05/2013 .....	15
<b>BNDES reforça ação no exterior.</b> Francisco Góes – Valor Econômico, Brasil. 20/05/2013.....	16
<b>Corte de subsídios é alvo de G-20 agrícola.</b> Assis Moreira – Valor Econômico, Brasil. 20/05/2013.....	18
<b>Parlamentares mexicanos visitam Incra e MDA em São Paulo para conhecer políticas públicas de desenvolvimento rural</b> – Site do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). 20/05/2013.....	19
<b>Barreiras comerciais são grande desafio a embarque de alimentos</b> – Valor Econômico, Brasil. 20/05/2013 .....	20
<b>Dilma deverá tratar de segurança alimentar na África.</b> Catarina Alencastro – O Globo, País. 21/05/2013 .....	21

<b>Importação de soja pela China cai 19% em abril.</b> Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 21/05/2013 .....	22
<b>Governo dos EUA ajuda Monsanto a vender transgênicos no exterior.</b> Tom Philpott – Site do MST. 21/05/2013 .....	22
<b>Bayer investirá R\$ 152 milhões no Brasil em 2013.</b> Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico, Agronegócios. 22/05/2013 .....	25
<b>Mercado indica queda para o preço do trigo.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 23/05/2013 .....	27
<b>Antônio Andrade recebe ministro da Agricultura de Serra Leoa</b> – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 24/05/2013 .....	28
<b>Colômbia e Farc fecham histórico acordo sobre reforma agrária</b> – Folha de São Paulo, Mundo. 26/05/2013 .....	29
<b>‘A guerra não é mais a única política do país’.</b> André Lobato – O Globo, Mundo. 26/05/2013 .....	29
<b>CONTAG marca presença em reuniões da UITA na Suíça</b> – Site da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Agricultura (CONTAG). 27/05/2013 .....	30
<b>O mundo negocia sem o Brasil</b> – O Estado de São Paulo, Opinião. 29/05/2013 .....	31
<b>MDA e ONU estudam expansão de programa brasileiro de compras públicas</b> – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 29/05/2013.....	32
<b>Produção argentina de grãos é a segunda maior da história.</b> Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 29/05/2013 .....	33
<b>SLC Agrícola conclui associação com o grupo Dois Vales.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 30/05/2013 .....	33
<b>Sob a influência do 'mercado de clima'.</b> Gerson Freitas Jr., Mariana Caetano, Fernanda Pressinott e Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 31/05/2013 .....	34

## **Maduro busca apoio de Mercosul em meio a tensão com EUA – Folha de São Paulo, Mundo. 07/05/2013**

O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, inicia nesta terça-feira sua primeira viagem internacional de olho no apoio político de seus aliados do Mercosul diante das ameaças de instabilidade interna e de novas pressões por parte dos Estados Unidos, que questionam a legitimidade de seu governo.

Herdeiro político do líder Hugo Chávez, morto em março, Maduro obteve uma vitória apertada nas eleições extraordinárias de abril, com 1,5 ponto percentual de vantagem, pouco mais de 220 mil votos.

O resultado é questionado pelo rival opositor, Henrique Capriles, que exigiu a realização de uma auditoria da totalidade das urnas.

Na avaliação de analistas ouvidos pela BBC Brasil, com a viagem, Maduro pretende alcançar três objetivos centrais: fortalecer o apoio político de seus aliados no Mercosul, demonstrar à comunidade internacional que há estabilidade política no país e acertar os mecanismos do ingresso da Venezuela ao bloco sul-americano.

Sem a liderança e o apoio popular que contava seu mentor Hugo Chávez, é fundamental para Maduro demonstrar que seu governo conta com aliados de peso como a presidente Dilma Roussef e a argentina Cristina Kirchner, na avaliação de Luis Fernando Ayerbe, Coordenador do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais da Unesp.

"É muito importante (para Maduro) esse apoio internacional e mostrar que ele é reconhecido como um líder", afirmou Ayerbe. "Há uma enorme preocupação com a divisão interna, com a ofensiva da oposição e que isso possa representar um problema para o governo a curto prazo", acrescentou.

### *APOIO DO MERCOSUL*

A necessidade de trazer para casa um maior apoio político do Mercosul --visto pelos venezuelanos como uma barreira política de proteção-- ganhou ainda mais força depois que o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, questionou a legitimidade do governo de Maduro, incrementando a tensão política que se arrasta há anos entre Caracas e Washington.

"Nossa visão tem sido que o povo venezuelano deve eleger seus líderes em eleições legítimas", disse Obama, em entrevista ao canal Univisión.

Fazendo coro aos protestos da oposição, Obama disse que "o hemisfério completo está vendo a violência, protestos e ataques à oposição". Os Estados Unidos não reconheceram oficialmente a presidência de Maduro.

Para o analista político Carlos Romero, professor da Universidade Central da Venezuela, a legitimidade de Maduro não é foco de debate na região, mas, sim, sua capacidade de governar nos próximos anos.

"Legitimidade, ele [Maduro] tem. Toda a comunidade latino-americana reconheceu seu triunfo", afirmou Romero à BBC Brasil. "Alguns vizinhos mostram preocupação pela polarização política, mas não questionam o resultado em si".

Na opinião dos especialistas, a principal preocupação na América do Sul é que a situação no país "alcance extremos" que coloquem em risco investimentos privados e megaprojetos de infraestrutura e energéticos firmados ainda no governo Chávez.

"Qualquer mudança brusca que não ocorrer pela via democrática será um grave problema para o Brasil e para os demais países", afirmou Ayerbe.

Na era Chávez, o Brasil se converteu no terceiro principal parceiro comercial da Venezuela, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e China. De 1999 a 2012 a balança comercial saltou de US\$ 1,4 bilhão (cerca de R\$ 3 bilhões) para US\$ 6 bilhões (R\$ 12 bilhões).

### *CRISE DIPLOMÁTICA*

Na semana passada, a polarização política no país veio à tona novamente com a troca de socos entre oposicionistas e chavistas na Assembleia Nacional, deixando um saldo de onze parlamentares feridos.

O episódio foi o pivô de um mal estar diplomático com o Peru, responsável pela presidência pro-tempore da Unasul. O chanceler peruano Rafael Roncagliolo pediu que o bloco sul-americano reiterasse o chamado ao governo Maduro por "tolerância" e ao "diálogo" --a linguagem usada na utilizada na reunião de emergência do bloco, convocada dias depois da eleição venezuelana por causa da crescente tensão nas ruas de Caracas.

Após a divulgação do resultado oficial do pleito, correligionários de Maduro e de Capriles convocaram uma série de protestos populares. Enfrentamentos nesses protestos resultaram, segundo a Procuradoria Geral da Venezuela, na morte de nove pessoas.

O governo diz que a violência foi incitada pela oposição, que responsabiliza o governo pelas mortes.

Recentemente, Maduro também se envolveu em um imbróglio diplomático com Colômbia, ao acusar o ex-presidente Álvaro Uribe de estar envolvido em um plano para assassiná-lo.

Segundo o presidente venezuelano, Uribe contaria com o apoio de ex-funcionários do Departamento de Estado dos Estados Unidos, como Otto Reich e Roger Noriega, e da oposição venezuelana.

Na segunda-feira, o embaixador venezuelano em Bogotá teve que dar explicações à chancelaria da Colômbia, a pedido do governo do presidente Juan Manuel Santos.

Até este incidente, Caracas e Bogotá viviam uma espécie de "lua-de-mel" diplomática, após anos de crises entre Chávez e Uribe.

### *MERCOSUL*

Com os colegas sul-americanos, Maduro terá de negociar os termos e regras aduaneiras para a adesão definitiva do país ao Mercosul. A Venezuela tem o prazo de três anos para adequar-se às regras comerciais do bloco.

Outro objetivo da viagem, de acordo o próprio Maduro, é "comprar comida" para conter o desabastecimento de alguns produtos da cesta básica. "Parte chave desse giro que começo amanhã (esta terça-feira) é para garantir outra vez a reserva de três meses de alimentos, de produtos de higiene da casa e pessoal", afirmou.

Com uma economia dependente da exportação petroleira, a precariedade da produção agropecuária na Venezuela é um dos principais problemas que enfrenta o governo. Apesar da política de subsídios agrícola e da política de reforma agrária, quase 70% da alimentação dos venezuelanos depende de importações.

Somente do Brasil, a venda de carnes carnes bovinas e de frangos correspondem a quase 25% da pauta de exportação brasileira à Venezuela, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento (MDIC).

O presidente venezuelano deve chegar a Montevideú ainda nesta terça-feira. Na quarta-feira, Maduro viaja a Buenos Aires para reunião com a presidente argentina Cristina Kirchner. O encontro com a presidente Dilma Rousseff está previsto para quinta-feira. Maduro não visitará o Paraguai, suspenso do bloco desde a destituição do presidente Fernando Lugo.

---

### **Na OMC, Brasil mostrou habilidade em buscar consensos, dizem especialistas. Gabriel Bonis – Site da Carta Capital, Internacional. 08/05/2013**

*Em quase 20 anos, o País apresentou 26 reclamações contra outros Estados, venceu embates contra os EUA e foi acionado 14 vezes*

A Organização Mundial de Comércio (OMC) escolheu na terça-feira 7 o primeiro latino-americano para comandar a entidade, substituindo o francês Pascal Lamy na direção-geral do órgão a partir de 31 de agosto. O brasileiro Roberto Azevedo, considerado o diplomata do Itamaraty com maior conhecimento sobre a OMC, venceu o mexicano Hermínio Blanco com forte apoio dos países emergentes, um reflexo da capacidade negociadora do Brasil nos acordos do órgão e da imagem de um dos países mais atuantes do órgão.

No sistema de solução de controvérsias da entidade, por exemplo, o País é o emergente com maior atividade: apresentou 26 reclamações contra outros Estados, foi acionado 14

vezes, e soma 74 participações em ações como terceira parte, nas quais não figura como “réu” ou “acusador”, mas tem interesses indiretos.

Os Estados Unidos respondem pelo maior número de ações (105 como reclamantes, 119 como acionado e 100 como terceira parte), seguidos pela União Europeia (87 processos como queixante, 73 como respondente e 131 como terceiro). Desde a criação da OMC, em 1995, foram levadas 457 disputas ao “tribunal” do organismo, que busca garantir que os países membros cumpram as regras de comércio internacional estabelecidas por eles.

“O Brasil tem tradicionalmente grande importância na OMC, por sua diplomacia e habilidade de negociação”, diz o economista Celso Grisi, professor da Universidade de São Paulo e especialista em OMC. “Foi um dos países que ajudou a estruturar o sistema de controvérsias e tem diplomatas muito atuantes, como Vitor do Padro, diretor do conselho da OMC [um dos cargos de maior prestígio da entidade].”

Desde a criação da entidade, o Brasil buscou compreender as ferramentas do sistema para se projetar como um ator importante no comércio internacional e defender os interesses brasileiros. “Existem temas que não podem ser discutidos sem o Brasil sentado na mesa, até porque o País sempre mostrou capacidade de construir consensos e faz o papel de negociador que transita entre países com diferentes níveis de desenvolvimento e interesses”, explica Daniela Arruda Benjamim, chefe da coordenação-geral de contenciosos do Itamaraty.

Essa posição mais ativa vem, cada vez mais, sendo seguida por outros emergentes, que visam maior espaço para propostas que se ajustem às novas características da economia mundial, menos dependente dos países centrais. “Historicamente, esse papel era dos países desenvolvidos, mas hoje os emergentes, como a Índia, têm grandes interesses em propriedades intelectuais, mineração e agricultura”, ressalta Evaldo Alves, coordenador do curso de Negócios Internacionais da FGV.

Na OMC, o Brasil ganhou casos marcantes, como o contencioso contra os EUA referente às exportações de suco de laranja. O País contestou uma medida norte-americana que tornava o produto brasileiro mais caro nos EUA e venceu.

A vitória mais significativa, no entanto, ocorreu em 2009, também contra os norte-americanos.

A organização acatou a argumentação do Brasil de que os subsídios aos produtores de algodão dos EUA eram abusivos e autorizou a aplicação de retaliações de 829 milhões de dólares contra itens agrícolas, bens de outros setores e propriedade intelectual norte-americanos. A execução está, no entanto, suspensa há quase três anos devido à tentativas de acordo entre as partes. “As vitórias brasileiras mostram aos maiores que eles precisam seguir as regras. Não colocamos os EUA de joelhos, só queríamos que ele não abusasse de seu gigantismo econômico”, diz Grisi.

Essas vitórias ajudam a criar jurisprudência na OMC, beneficiando países mais vulneráveis que conseguem manter relações de comércio internacional menos desiguais com as nações desenvolvidas e industrializadas. Algo que também explica a simpatia dos emergentes em relação ao Brasil.

A atuação brasileira não se resume aos contenciosos. Em 2003, às vésperas da reunião ministerial de Cancun, no México, o Brasil ajudou a criar e a coordenar o G20, um grupo de 23 países de três continentes (entre eles África do Sul, Argentina, China e México) que representa 21% da produção agrícola mundial e 26% das exportações. O bloco se firmou como um dos mais influentes nas negociações agrícolas da Rodada de Doha, suspensas desde 2008, alçando o Brasil com um dos líderes dos emergentes.

Para levar uma reclamação à OMC, os setores da economia afetados procuram o Itamaraty quando têm algum interesse comercial em risco por medidas desleais adotadas por outros países. Diversas áreas de governo federal analisam, então, a conveniência da ação ou se não seria mais produtivo negociar bilateralmente.

Essas considerações são levantadas devido às dificuldades de se manter uma reclamação contra um país na entidade reguladora do comércio mundial. O sistema de solução de controvérsias demanda recursos elevados, onerosos até mesmo para um país como o Brasil, onde os setores da iniciativa privada interessados na ação dividem os custos.

Os casos são, muitas vezes, complexos e longos, com a necessidade de estudos detalhados das leis do país acusado. O que implica em custos com escritórios de advocacia no exterior e consultorias, explica Benjamim. “É difícil calcular os gastos, mas há casos que passaram por todas as etapas da OMC e custam mais de 500 mil dólares. Isso não é pouco.”

---

### **Itamaraty tem estrutura focada em conflitos da OMC. Gabriel Bonis – Site da Carta Capital, Internacional. 08/05/2013**

*Ministério das Relações Exteriores mantém área especializada para posicionar Brasil entre negociadores mais importantes do comércio mundial*

A escolha na terça-feira 7 do brasileiro Roberto Azevedo como diretor-geral da Organização Mundial de Comércio (OMC) indica a influência crescente dos países emergentes na entidade. Revela também um esforço do Ministério das Relações Exteriores em posicionar o Brasil entre os negociadores mais importantes do comércio mundial por meio de uma atuação ativa na OMC.

Como parte desta estratégia, o Itamaraty mantém uma equipe de diplomatas focada apenas no comércio exterior. Em sua estrutura, o ministério abriga a Subsecretaria-Geral de Assuntos Econômicos e Financeiros, onde trabalham 47 diplomatas divididos em diferentes áreas, desde departamentos econômicos a negociações internacionais.

Dentro da subsecretaria funciona a Coordenação-Geral de Contenciosos, que conta com oito diplomatas especificamente responsáveis em defender o Brasil em causas da OMC. Além disso, a delegação do Brasil junto à OMC em Genebra (Suíça), sede do órgão, conta com 17 diplomatas. “A área de contenciosos é fundamental para ajudar a projetar o desenvolvimento econômico pelo qual o Brasil passou nos últimos anos”, diz Daniela Arruda Benjamim, chefe da coordenação-geral de Contenciosos do Itamaraty. “A atuação do Itamaraty é fundamental para mostrar esses avanços e assegurar que a projeção brasileira tenha o peso devido no cenário global”, afirma.

Junto ao grupo de diplomatas qualificados para atuar no sistema internacional de comércio e intervir em favor dos interesses brasileiros na OMC, o ministério mantém diálogos com escritórios de advocacia especializados de diversos países, inclusive realizando trocas de experiências com funcionários do órgão.

“O Brasil tem um contingente de diplomatas de carreira muito competentes, o que nos dá vantagem sobre países onde essa estrutura não existe”, diz Evaldo Alves, coordenador do curso de Negócios Internacionais e Comércio Exterior da FGV. “Isso mostra uma profissionalização da área, com pessoas especializadas em comércio.”

Segundo Alves, o time brasileiro, chefiado por Azevedo, se notabilizou pela competência, sobretudo, na negociação. “A presença de Azevedo na disputa pelo comando da OMC mostra a capacidade enorme de promover a negociação e buscar o consenso.”

Tradicionalmente, o Brasil teve atuação mais marcante na OMC na defesa dos interesses agrícolas do País, conquistando vitórias em contenciosos contra os EUA em relação a barreiras para a entrada do suco de laranja brasileiro no mercado norte-americano e contra os subsídios de Washington a produtores de algodão.

Agora, o Brasil tem buscado aumentar sua influência em outros temas também para poder ganhar poder de negociação na Rodada de Doha, suspensa desde 2008 devido à falta de consenso entre os 159 membros da OMC sobre novas medidas de regularização e liberalização do comércio em temas como agricultura, setor de serviços e propriedade intelectual.

“Para o Brasil é prioritário avançar nesta discussão, mas a negociação multilateral com mais de 150 membros com interesses divergentes é complexa. Requer muito esforço de conciliação de visões”, diz Benjamim. Estamos tentando contribuir para construir um consenso por regras mais claras de comércio.”

---

### **Ministro participa de encontro da presidenta Dilma com Nicolás Maduro – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 09/05/2013**

O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Antônio Andrade, participou, no fim da tarde desta quinta-feira, dia 9, da audiência da presidenta da República, Dilma

Rousseff, com o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, no Palácio do Planalto, em Brasília.

A visita é para incrementar as relações multilaterais e agradecer o apoio à sua eleição, em abril. O Brasil é a última etapa da viagem de Maduro pelos países do Mercosul – Uruguai e Argentina.

A vinda do venezuelano ao País servirá também para incrementar as iniciativas de integração produtiva, segurança alimentar, políticas públicas, saúde e desenvolvimento social e tecnológico. Os dois países também apoiam iniciativas de cooperação trilateral no Caribe, cujo foco é baseado na agricultura familiar e no desenvolvimento social.

No Planalto, Maduro foi recepcionado por grande parte da equipe de governo, como os ministros Antonio Patriota (Relações Exteriores), Celso Amorim (Defesa), Fernando Pimentel (Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior), Gleisi Hoffmann (Casa Civil), Edison Lobão (Minas e Energia), Helena Chagas (Comunicação Social) e o assessor especial para Assuntos Internacionais da Presidência, Marco Aurélio Garcia.

---

### **Na China, Brasil e Argentina pedem agilidade em análise de registros de sementes geneticamente modificadas – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 10/05/2013**

*Durante encontro com ministro da Agricultura chinês, brasileiros e argentinos negociam fim de restrições para o comércio de soja*

Em uma iniciativa inédita, os ministérios da Agricultura de Brasil e Argentina realizaram uma reunião com o Ministério da Agricultura chinês nesta quinta-feira, em Pequim, em que defenderam um tema de interesse comum aos dois países sul-americanos: a aprovação de novas sementes geneticamente modificadas, principalmente de soja. A reunião foi presidida pelo ministro da Agricultura chinês, Han Chengfu, e teve a presença do secretário de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Célio Porto, do secretário de Defesa Agropecuária do MAPA, Enio Marques, e do vice-ministro da Agricultura da Argentina, Lorenzo Basso. A ministra conselheira encarregada de Negócios do Brasil na China, Tatiana Rosito, e o embaixador da Argentina em Pequim, Gustavo Martino, também acompanharam o encontro.

O objetivo da reunião foi garantir a aprovação da comercialização de novos tipos de sementes geneticamente modificadas, já liberadas pelas legislações tanto brasileira quanto argentina, mas que ainda estão pendentes na China. A intenção é que não haja restrições por parte de Pequim para o comércio do grão, uma vez que a China é o maior comprador de soja do Brasil.

“O gesto do governo chinês, em que o ministro recebeu três vices-ministros, demonstra importância que Pequim dá à relação com os países do Cone Sul”, explicou o secretário de Relações Internacionais do Mapa.

O ministro chinês instruiu as diretorias de Cooperação Internacional e de Ciência e Tecnologia a acelerarem a análise dos registros das sementes de Brasil e Argentina, ainda que não tenha definido a data de conclusão deste processo. Os vice-ministros sul-americanos enfatizaram que tanto Brasil quanto Argentina não gostariam de aguardar por mais um ano a aprovação do pedido. Sob o ponto de vista legal, não há restrição para o plantio destas sementes junto aos produtores no Brasil. O que há é um consenso no setor privado de que é necessária a aprovação chinesa antes de dar início ao plantio, principalmente para não enfrentar barreiras ao entrar no mercado chinês.

Em contrapartida, o ministro chinês pediu uma posição de Brasília e de Buenos Aires sobre a presença no Foro de Cooperação Agrícola da China com os Países da América Latina e do Caribe, a ser realizado em Pequim, em 9 de junho. Pela parte brasileira, o convite será analisado em Brasília.

Porto e Marques estiveram na China também para participar do Salão Internacional de Alimentação de Xangai (Sial). O Brasil esteve presente com um pavilhão de 336 m<sup>2</sup>, numa ação dos ministérios da Agricultura e de Relações Exteriores. Houve a participação de 43 empresas brasileiras. Segundo o diretor do Departamento de Promoção Internacional do Mapa, Marcelo Junqueira, a feira foi um sucesso. Os negócios fechados durante os três dias de evento são estimados em US\$ 15 milhões. "Nossa participação foi um sucesso estrondoso", avaliou Junqueira.

Apenas em 2012, a corrente de comércio do setor agrícola entre China e Brasil representou quase US\$ 20 bilhões, um aumento substancial ante os US\$ 2,3 bilhões de 2003. A soja representa o principal produto, e o governo brasileiro trabalha para ampliar a pauta de exportações, especialmente em relação a produtos de maior valor agregado. A Sial teve a presença de empresas dos setores de carne, vinhos, laticínios, entre outras.

---

### **Sem solução à vista para Vale no país. Vera Saavedra Durão – Valor Econômico, Agronegócios. 10/05/2013**

Ao ser questionado ontem sobre como estão as negociações de venda do projeto de potássio de Rio Colorado, na Argentina, o presidente da Vale, Murilo Ferreira, disse que não tem nenhum novo passo definido no momento. "Esse é um processo que vai demorar", afirmou ele.

Conforme o executivo, a companhia está avaliando o futuro de seu negócio de potássio após a suspensão do projeto. A mineradora não tinha um plano "B" para o segmento, de acordo com Ferreira. O grande projeto da Vale na área era mesmo o da Argentina, que foi suspenso.

"Agora, estamos iniciando o planejamento estratégico de 2013, que certamente será motivo de muito debate, e a questão do potássio será incluída". O executivo destacou que o planejamento estratégico é o documento mais importante da Vale e deve ser

analisado pelo conselho de administração em novembro. Com base nas discussões da diretoria sobre o assunto, o plano será levado para a aprovação dos acionistas.

Sobre a busca de novas áreas para exploração de potássio, Murilo Ferreira respondeu que "a empresa só procura as coisas depois de definidas pelos acionistas". "Estamos discutindo as alternativas, as prioridades, porque o nosso plano 'A' era o da Argentina, que por diversas razões não foi possível. Agora, estamos trabalhando para construir um novo planejamento nessa área".

---

### **ADM inaugura fábrica de soja no Paraguai – O Globo, Economia. 10/05/2013**

A Archer Daniels Midland (ADM) anunciou hoje a inauguração de sua nova fábrica de processamento de soja no Paraguai, na cidade de Villeta. A planta tem condições de processar 3,5 mil toneladas por dia e vai ampliar em mais de 20% a capacidade da companhia em processar oleaginosas na América do Sul.

A nova fábrica, construída ao lado da já existente misturadora de fertilizantes da empresa, está localizada perto de uma instalação portuária no rio Paraguai.

A empresa informou que essa localização estratégica permite a integração completa de logística, uma vez que as embarcações chegam com insumos para a produção de fertilizantes e saem carregados com os produtos de soja. Ainda, os caminhões chegam com soja de diferentes regiões do país, e voltam ao campo com fertilizantes projetados para atender as muitas e variadas demandas de agricultores modernos e produtivos.

A ADM é uma das principais companhias de agronegócio do mundo. No último resultado divulgado ao mercado, referente ao trimestre encerrado em 31 de março, a companhia informou lucro líquido de US\$ 269 milhões, uma queda de 33% em relação aos US\$ 405 milhões de igual trimestre de 2012.

---

### **Brasil é o maior receptor de investimento estrangeiro direto da América Latina – Site da Carta Capital, Internacional. 14/05/1991**

*O País acumula 41% dos fluxos regionais de IED, mas teve queda de 2% em relação a 2011, segundo a Cepal*

O Brasil continua a ser o país que mais recebe investimento estrangeiro direto (IED) na América Latina e no Caribe, segundo relatório divulgado nesta terça-feira 14 pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe das Nações Unidas (Cepal). O País recebeu 65,3 bilhões de dólares em 2012, 41% dos fluxos regionais. Manteve a liderança, mas registrou uma queda de 2% em relação a 2011.

De acordo com a Cepal, o Chile recebeu 30,3 bilhões de dólares em IED e se firmou como o segundo destino mais importante deste tipo de investimento na região.

A América Latina e do Caribe receberam 173,4 bilhões de dólares em IED no último ano, um valor recorde. O resultado é 6,7% maior que em 2011.

Houve aumentos relevantes de entrada de IED no Peru, que recebeu 12,2 bilhões de dólares em 2012, e em países como Argentina (27%), Paraguai (27%), Bolívia (23%), Colômbia (18%) e Uruguai (8%). Já o México, assim como o Brasil, teve resultados inferiores na comparação com 2011. Equador, Venezuela e Nicarágua também tiveram queda.

Os Estados Unidos e a União Europeia se mantiveram como os maiores investidores da região, ao lado de Canadá e Japão. Em 2012 também cresceu a proporção de IED vinda dos próprios países da região (14% do total).

Neste contexto, a Cepal destaca a consolidação do processo de expansão de empresas transnacionais da América Latina. Segundo o órgão, diversas companhias compraram ou absorveram empresas europeias e se expandiram para outros mercados.

O IED vindo das economias latinas e caribenhas no exterior aumentou 17% entre 2011 e 2012, alcançando 48,7 bilhões de dólares. O nível é 2% maior à máximo histórica de 2010.

Segundo a Cepal, na última década, Brasil, Chile, Colômbia e México foram os responsáveis pela maior parte destes investimentos.

---

### **Mexicanos conhecem programa de segurança alimentar desenvolvido pelo Mapa – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 15/05/2013**

O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Antônio Andrade, recebeu na terça-feira, 14 de maio, uma comitiva de parlamentares mexicanos que conheceram os programas e ações implementados pelo governo federal para o desenvolvimento da agricultura e pecuária no país.

Durante o encontro, que contou com a presença de 12 parlamentares, entre senadores e deputados, Andrade destacou a força do agronegócio brasileiro.

“O Brasil tem experiências bem sucedidas na segurança alimentar e desenvolvimento sustentável, o que despertou a curiosidade de conhecimento no parlamento mexicano”, afirmou o secretário da Secretaria de Relações Internacionais, Célio Porto.

Técnicos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e da Secretaria de Desenvolvimento Agropecuária e Cooperativismo (SDC) apresentaram os objetivos e estratégias de desenvolvimento do Plano de Agricultura de Baixo Carbono (ABC) e do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), temas de interesse específico dos parlamentares.

A comitiva demonstrou vontade em implantar as políticas brasileiras no México, destacando que o Brasil é exemplo que deve ser seguido na agricultura. Os

parlamentares mexicanos integram as Comissões de Desenvolvimento Rural, Desenvolvimento Social e Agricultura e Pecuária.

---

### **Cade aprova compra de ativos de fertilizantes da Bunge pela Yara. Thiago Resende – Valor Econômico, Agronegócios. 16/05/2013**

BRASÍLIA - O Cade aprovou, sem restrições, o negócio em que a empresa norueguesa de fertilizantes Yara International pretende adquirir ativos brasileiros de fertilizantes da americana Bunge.

Anunciada em dezembro do ano passado, a operação é estimada em US\$ 750 milhões. A compra envolve “praticamente todos os ativos relacionados ao negócio de fertilizantes do Bunge no Brasil, constituídos por unidades misturadoras localizadas em 22 localidades em todo o Brasil”, sendo 16 próprias e seis arrendadas, segundo informações enviadas pelas empresas ao Cade. Além disso, outros ativos como uma fábrica de fosfatados também serão adquiridos pela Yara.

“O único ativo utilizado no negócio de fertilizantes do grupo Bunge que não será transferido à Yara é o Termag, um terminal portuário utilizado para fertilizantes no porto de Santos”, completaram as companhias ao notificarem a operação ao órgão de defesa da concorrência.

O grupo Yara atua principalmente na produção e comercialização de fertilizantes, além de venda de amônia. Assim, reconhecem as companhias, o negócio gera uma maior concentração de mercado à norueguesa, mas sem “causar qualquer preocupação concorrencial, tendo em vista a alta rivalidade” no setor, alegaram.

O processo foi analisado pela nova lei de defesa da concorrência e agora, com o aval do Cade, as empresas poderão realizar a operação. O sinal verde foi dado em despacho da Superintendência-Geral do órgão publicado hoje no “Diário Oficial da União” e, portanto, o caso não precisará passar por julgamento em plenário do Cade.

---

### **Lula negocia exploração de potássio pela Vale na Argentina – Folha de São Paulo, Mercado. 16/05/2013**

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva entrou nas negociações sobre o destino do projeto de exploração de potássio do rio Colorado, na província argentina de Mendoza, que foi suspenso por tempo indeterminado pela mineradora Vale em março.

Lula e o governador de Mendoza, Francisco Pérez, discutiram o tema por meia hora na quarta-feira (15), logo que o ex-presidente chegou à cidade argentina, no fim da tarde. Pérez disse ao jornal "Diario Uno", de Mendoza, que Lula e a presidente Dilma Rousseff "fazem parte da mesma equipe".

O projeto do rio Colorado era o maior empreendimento privado da Argentina, com um orçamento inicial de US\$ 6 bilhões. Alegando aumento de custos, a Vale suspendeu o empreendimento --provocando grande irritação no governo argentino.

O assunto foi discutido por Dilma e pela presidente argentina, Cristina Kirchner, na visita que a brasileira fez a Buenos Aires no dia 25.

Na ocasião, Cristina expôs a Dilma uma proposta formal que teria feito à Vale para que o empreendimento fosse retomado, disse posteriormente o assessor internacional da presidência brasileira, Marco Aurélio Garcia. No mesmo dia, porém, a empresa sinalizou que não teria interesse em prosseguir com a empreitada.

#### *AGENDA DE LULA*

Lula deu na noite de ontem uma palestra fechada para cerca de 500 executivos na bodega Los Toneles, paga pela empresa Telefónica. De acordo com o portal "Mendoza On Line", o ex-presidente teria recebido 180 mil euros pela sua participação no evento.

O ex-presidente estará nesta quinta-feira em Buenos Aires, para a inauguração de uma universidade criada por sindicatos, em um evento que terá a participação de Cristina. Após o evento, Lula vai jantar com a presidente argentina na Casa Rosada.

O governador de Mendoza disse que também viajará a Buenos Aires para tratar da Vale com Cristina.

Amanhã, Lula vai ao Congresso da Argentina para receber títulos de doutor "honoris causa" de diversas universidades do país.

---

#### **Lula entra no debate sobre fim de projeto da Vale na Argentina. César Felício – Valor Econômico, Agronegócios. 17/05/2013**

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva entrou nas conversações a respeito do destino do projeto de exploração de potássio do rio Colorado, na Província argentina de Mendoza, que foi suspenso por tempo indeterminado pela mineradora Vale, em março. Lula e o governador de Mendoza, Francisco Pérez, discutiram o tema por meia hora na quarta-feira, logo que o ex-presidente chegou à cidade argentina.

Conforme disse Pérez ao "Diario Uno" de Mendoza, Lula e a presidente Dilma Rousseff "fazem parte da mesma equipe".

O projeto do rio Colorado era o maior empreendimento privado da Argentina, com um orçamento inicial de US\$ 6 bilhões. Alegando aumento de custos, a Vale suspendeu o empreendimento, provocando grande irritação no governo argentino. O assunto foi discutido por Dilma e pela presidente Cristina Kirchner na visita que a brasileira fez a Buenos Aires, no último dia 25.

Na ocasião, segundo afirmou posteriormente o assessor internacional da presidência, Marco Aurélio Garcia, Cristina expôs a Dilma uma proposta formal que teria feito à Vale para que o empreendimento fosse retomado. No mesmo dia, porém, a empresa sinalizou que não tem interesse em prosseguir com a empreitada.

Lula deu na noite de quarta-feira uma palestra fechada para cerca de 500 executivos na bodega Los Toneles, paga pela empresa Telefónica. De acordo com o portal "Mendoza On Line", o ex-presidente teria recebido 180 mil euros pela sua participação no evento.

O ex-presidente estará nesta quinta-feira em Buenos Aires, para a inauguração de uma universidade criada por sindicatos, em um evento que terá a participação de Cristina. Depois do evento, Lula vai jantar com a presidente argentina na Casa Rosada. O governador de Mendoza disse que também viajará a Buenos Aires para tratar da Vale com Cristina.

Ontem, Lula foi ao Congresso da Argentina para receber títulos de doutor "honoris causa" de diversas universidades do país.

---

### **BNDES reforça ação no exterior. Francisco Góes – Valor Econômico, Brasil. 20/05/2013**

O governo está definindo uma série de ações para ampliar a presença das empresas brasileiras na América Latina, Caribe e África. A estratégia considera reforçar o papel do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) como financiador de bens e serviços brasileiros para essas regiões. Com esse espírito, foi criada, no fim de abril, por determinação da presidente Dilma Rousseff, uma nova área no banco, com status de diretoria, para cuidar das três regiões geográficas, a cargo de Luiz Eduardo Melin, responsável pelas áreas internacional e de comércio exterior do banco. O plano considera ainda a criação de um sistema robusto de garantias de crédito à exportação por intermédio da recém-criada Agência Brasileira Gestora de Fundos e Garantias (ABGF), no âmbito do Ministério da Fazenda.

As medidas podem alavancar os financiamentos do BNDES à exportação, que totalizaram US\$ 5,46 bilhões em 2012, cerca de 7% do desembolso total do banco no ano passado, de R\$ 156 bilhões (US\$ 78 bilhões). Mas a expansão do crédito dentro da nova estrutura de apoio à exportação no BNDES vai depender, em parte, da capacidade de realização da carteira africana pelo banco. Só com Angola, o BNDES tem em carteira US\$ 7 bilhões em linhas de crédito aprovadas desde 2006.

Se esse modelo for replicado com sucesso para Gana, por exemplo, país com o qual o Brasil desenvolve uma relação bilateral, seria possível ter, em três anos, uma carteira com esse país semelhante à de Angola, nas estimativas de fontes do governo. Com Gana, há perspectivas para as empresas brasileiras nas áreas de infraestrutura, de etanol e agronegócios, envolvendo exportação de máquinas agrícolas, caminhões e ônibus.

O agronegócio é também uma área na qual o Brasil pode oferecer cooperação técnica aos países africanos.

Com tradição comercial na América Latina, o Brasil ainda tenta decifrar a África para além de Angola, país com o qual construiu uma história de comércio bilateral. Um caminho que o Brasil poderá trilhar passa pela ampliação do modelo estabelecido com Angola, baseado em linhas de crédito garantidas por recebíveis de petróleo. Já se falou em garantir empréstimos em outros países africanos com recebíveis de carvão.

Em 2012, o BNDES desembolsou US\$ 1 bilhão para projetos envolvendo empresas brasileiras na América Latina e outros US\$ 600 milhões para obras brasileiras em países africanos. Os números do desembolso do BNDES devem se repetir neste ano tanto nos países latinos quanto nos africanos, prevê uma fonte do governo. Até agora a relação comercial do Brasil com os africanos, via apoios do BNDES, se restringe à Angola, Moçambique e Gana, mas há potencial para estender essa relação para outros países como Senegal, Namíbia e Zâmbia.

A orientação do governo é reforçar a presença brasileira também no Caribe. Na América Central, o BNDES já tem projetos com bom grau de maturidade na Nicarágua, Costa Rica, Guatemala e El Salvador. O banco também tem operações com República Dominicana e Cuba, mas ainda há muito a ser feito nas ilhas caribenhas.

O trabalho de uma maior aproximação com América Latina e África começou ainda no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas demorou a mostrar resultados e passou por mudanças no governo da presidente Dilma Rousseff. Na quinta-feira, a presidente embarca para a Etiópia para participar da reunião de cúpula da União Africana (UA).

A prioridade dada à África é também demonstrada pela montagem de um grupo interministerial que pretende organizar a forma de atuação do Brasil no continente africano. O Grupo Técnico de Estudos Estratégicos de Comércio Exterior, o Getex África, está em fase inicial de montagem na Casa Civil da Presidência. A realidade da África, onde há países com limitações ao endividamento, exige desenvolver outros canais institucionais e novos instrumentos para fazer financiamentos de forma sustentável.

A criação de uma diretoria para cuidar de América Latina, Caribe e África no BNDES deve levar a uma reorganização das áreas internacional e de comércio exterior do BNDES para fazer com que o banco consiga fazer mais e reforce a diretriz de política externa, disse a fonte do governo. Isso passa por políticas de fomento, pela relação com organismos multilaterais, com bancos africanos e com outros atores relevantes. E também pela capacidade do banco de gerar operações, fazer análises de projetos, contratar e liberar financiamentos. "Na África, a penetração das empresas brasileiras é mais incipiente do que na América Latina e o conhecimento do mercado, menor", diz a fonte.

A nova estrutura dentro das áreas internacional e de comércio exterior do BNDES começa a ser implementada mais de três anos depois de o governo do ex-presidente Lula ter tentado criar, sem sucesso, o Exim Brasil, subsidiária do BNDES que financiaria a exportação, mas que se manteria dentro do orçamento do banco. O Exim Brasil esbarrou, em parte, no fato de que a subsidiária teria de oferecer empréstimos e assumir o risco das próprias operações de crédito ou atuar como garantidor de recursos privados. Depois de muitas discussões, se concluiu que a alternativa melhor seria reforçar o papel do BNDES como provedor de recursos de médio e longo prazo para a exportação. Ao mesmo, identificou-se que era preciso ter um sistema reforçado de garantias de crédito à exportação, papel que caberá à Agência Brasileira Gestora de Fundos e Garantias (ABGF).

Instituída por decreto presidencial em abril, a agência vai atuar garantindo projetos de infraestrutura e também dará garantias para operações de comércio exterior por meio de dois fundos que estarão debaixo do seu guarda-chuva: o Fundo Garantidor de Infraestrutura (FGIE) e o Fundo Garantidor de Comércio Exterior (FGCE). O FGIE deverá contar com recursos da União de até R\$ 11 bilhões, e o FGCE, de R\$ 14 bilhões, os quais devem ser aportados pelo governo de forma gradual. Procurado, o Ministério da Fazenda disse que não iria falar sobre a ABGF neste momento. Quando da publicação do decreto, a expectativa era de que a ABGF começasse a operar no fim deste ano.

Fontes do setor dizem que, mesmo com a ABGF, o atual sistema de garantias de mais longo prazo (acima de dois anos), via Fundo Garantidor de Exportação (FGE), vai continuar a existir. O FGE é considerado importante, mas limitado, pois depende, em parte, do Orçamento da União e qualquer movimento para arcar com um sinistro resultante do não pagamento de crédito à exportação impacta o superávit primário do governo federal, segundo as fontes. Um especialista em seguro de crédito disse que a tendência seria o FGE continuar a cobrir riscos de Estado (risco país e político), com prazos mais longos, enquanto o FGCE ficaria com riscos mais bancáveis.

A avaliação de uma fonte do governo é de que a ABGF terá a vantagem de garantir volumes maiores de crédito ao setor privado. A fonte disse que a agência poderá atrair mais bancos privados para o financiamento à exportação uma vez que, em caso de "default" (não pagamento) do crédito, a instituição financeira seria indenizada pelo FGCE.

---

### **Corte de subsídios é alvo de G-20 agrícola. Assis Moreira – Valor Econômico, Brasil. 20/05/2013**

O G-20 agrícola, liderado pelo Brasil, planeja propor esta semana que os países desenvolvidos cortem pela metade, até o fim do ano, os subsídios a exportação de produtos agrícolas a que estão autorizados atualmente pela Organização Mundial do Comércio (OMC).

A proposta será incluída nas negociações para um pacote de liberalização para a conferência ministerial da OMC em Bali, vista como crucial para eventualmente reviver a combalida Rodada Doha. Os países desenvolvidos colocam ênfase num acordo para facilitação de comércio, na expectativa de acelerar exportações para mercados emergentes em expansão.

No lado do G-20, uma proposta para equilibrar o pacote já foi apresentada para que as cotas agrícolas fixadas por nações desenvolvidas sejam preenchidas automaticamente. Atualmente, a gestão dessas cotas, que têm tarifas mais baixas, é tão complicada que acaba não permitindo seu uso no total. O G-33, grupo de grandes importadores de alimentos liderado pela Índia, China e Indonésia, quer ter direito de aumentar subsídios internos para fazer estoques e garantir segurança alimentar.

Agora, o G-20 agrícola, depois de muita negociação interna, vem com outra proposta na área agrícola. O acerto em Hong Kong, em 2005, estabelecia eliminação dos subsídios para exportação agrícola no fim de 2013. Mas isso dependia da conclusão da Rodada Doha.

Conforme versão preliminar da proposta que circula entre alguns países em Genebra, o G-20 propõe para Bali um pagamento antecipado por parte dos desenvolvidos, com o corte de 50% nos limites de subsídios a exportação que eles podem dar. Países em desenvolvimento têm prazo até 2016. Também estabelece disciplinas adicionais para créditos a exportação, garantias de crédito e programas de seguro, atingindo práticas dos Estados Unidos para beneficiar produtores. A União Europeia diminuiu os subsídios à exportação, mas pelas regras tem todo direito de dar várias centenas de milhões de dólares quando quiser. A UE também dá subsídios internos que ajudam depois nas vendas ao exterior. A Suíça dá subvenção à exportação de produtos processados.

Um pacote de liberalização em Bali será modesto em todas as áreas, se houver acordo. Certos negociadores falam de "nova animação", depois da eleição do brasileiro Roberto Azevêdo para a direção da OMC. Mas ele tomará posse em setembro e terá pouco tempo para moderar as discussões.

---

### **Parlamentares mexicanos visitam Incra e MDA em São Paulo para conhecer políticas públicas de desenvolvimento rural – Site do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). 20/05/2013**

Em visita ao Brasil, delegação de oito senadores e quatro deputados federais do México reuniu-se na última sexta-feira (17) com o delegado federal do desenvolvimento agrário em São Paulo (DFDA-SP), Reinaldo Prates, e com representantes da superintendência regional do Incra em São Paulo (Incra/SP). Os parlamentares são integrantes das Comissões de Desenvolvimento Rural, Desenvolvimento Social, Agricultura e Pecuária e solicitaram informações detalhadas sobre questões agrárias, fundiárias e políticas de desenvolvimento rural executadas pelo governo federal.

A equipe da DFDA-SP preparou uma apresentação sobre as competências do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e sobre os desafios enfrentados por agricultores familiares e famílias assentadas em projetos da reforma agrária. Os parlamentares mexicanos aproveitaram para esclarecer temas como a regularização fundiária, créditos e comercialização de produtos no Brasil. Segundo o cônsul geral do México, José Geraldo Traslosheros Hernández, a delegação solicitou a visita ao Inca e MDA pelo interesse em conhecer políticas agrícolas e agrárias, e destacou a representatividade dos parlamentares que vieram ao Brasil, todos muito atuantes nas áreas de agricultura e desenvolvimento rural em seu país: "Foi uma grande oportunidade de compartilhar experiências e conhecer as diferenças na execução dessas políticas nos dois países", avaliou.

O senador Fidel Demedicis Hidalgo, presidente da Comissão de Desenvolvimento, demonstrou interesse no histórico do ordenamento fundiário no Brasil e solicitou informações sobre as áreas com conflitos em São Paulo e as instâncias de solução. Já o senador Manoel Cota Jimenez, presidente da Comissão de Agricultura, pediu esclarecimentos sobre mecanismos de regulação de preços dos produtos da agricultura familiar, assim como o deputado Sebastián de la Rosa, que perguntou sobre outros programas de apoio aos agricultores familiares.

Os parlamentares expressaram sua admiração pela fartura e qualidade dos produtos de assentamentos da reforma agrária. Durante a reunião da manhã os visitantes puderam conhecer frutas como mexerica, goiaba e pitaya, todas produzidas no assentamento II, em Sumaré. E no período da tarde, a Delegação foi ao Mercado Municipal de São Paulo, onde conheceram outros produtos agrícolas, e foram apresentados por uma equipe da prefeitura a exemplos concretos de apoio à agricultura familiar, como a compra de produtos para a alimentação escolar, especialmente os adquiridos na Zona Leste e na Zona Sul da capital de São Paulo.

---

### **Barreiras comerciais são grande desafio a embarque de alimentos – Valor Econômico, Brasil. 20/05/2013**

O grande desafio para as vendas aos asiáticos ainda é vencer barreiras não tarifárias a produtos como alimentos, notam empresários do setor. O setor de carnes viu fechar-se o mercado recém-aberto na China, com um caso isolado, no ano passado, de contaminação de uma rês com a doença da vaca louca, por exemplo. Mesmo com as barreiras, porém, as vendas de carne brasileira de bovino à Ásia aumentaram 122%, principalmente para Hong Kong, e as de frango, 2%, segundo levantou a Fundação Estudos de Comércio Exterior (Funcex).

"Em dois dos maiores exportadores da região, estamos fora dos mercados por protecionismo", lamenta o diretor-executivo da Associação Brasileira da Indústria Exportadora de Carnes, Fernando Sampaio, que acusa coreanos e japoneses de manter

barreiras não previstas nas normas internacionais por causa de casos de febre aftosa no Brasil.

Exportadores de carne entusiasmam-se com o mercado asiático, baseados nas previsões de que a Ásia será o maior consumidor de proteínas nos próximos 50 anos, com 56% do consumo total de 60 milhões de toneladas no mundo, a partir de 2020.

Sampaio acredita que, "em algum momento", o Brasil terá de recorrer à Organização Mundial do Comércio (OMC) contra as barreiras comerciais impostas pelo Japão, por Taiwan e pela Coreia do Sul. Por enquanto, porém, a demanda em locais como Hong Kong tem favorecido as exportações a ponto de fazer com que a Ásia superasse a Rússia como principal comprador no ano passado. O setor também aumentou, neste ano, em 25% as vendas aos asiáticos de couro e pele preparadas, que já são o décimo item na pauta de exportação ao Oriente.

Até setores sem estratégias especiais para a Ásia registram bom desempenho, como o de café, que aumentou em 15% as vendas à região neste ano. "Temos laços comerciais tradicionais com Japão e Coreia, os mercados de destaque", diz o diretor do Conselho Exportador de Café do Brasil, Guilherme Braga, que nota aumento ainda tímido em compras em países como a Malásia.

O que anima o governo, porém, é o forte aumento nas vendas ainda modestas de bens industriais como laminados de aço (86%, para US\$ 105 milhões), compressores de refrigeração (66%, para US\$ 35 milhões) e máquinas para uso geral (58%, para 23 milhões), que apontam nichos de mercado, mesmo para as cada vez menos competitivas exportações brasileiras.

---

### **Dilma deverá tratar de segurança alimentar na África. Catarina Alencastro – O Globo, País. 21/05/2013**

*Presidente visita União Africana, na Etiópia, na próxima semana*

BRASÍLIA — A presidente Dilma Rousseff deverá debater o tema segurança alimentar e combate à pobreza, durante sua visita à sede da União Africana, na Etiópia, na próxima sexta-feira. Segundo o diretor do Departamento de África do Itamaraty, Nedilson Ricardo Jorge.

— Programas de transferência de renda e políticas de combate à fome e à pobreza atraem a atenção permanentemente dos países africanos — disse o diplomata, apontando que apesar do interesse, não há previsão de assinatura de acordos nessa área.

Dilma participará das comemorações do Jubileu de Ouro da União Africana. Ela foi convidada para representar a América Latina devido à importância econômica do Brasil na região. O presidente da França, François Hollande, o presidente da Comissão Europeia, José Manuel Barroso, o vice-presidente da Índia, Mohammad Ansari, e o primeiro-ministro da China, Li Keqiang, também foram convidados.

Além da celebração dos 50 anos da organização, Dilma terá uma reunião bilateral com o primeiro-ministro da Etiópia, Hailemariam Desalegn, quando serão assinados acordos de cooperação nas áreas agrícola, aérea, educacional e de ciência e tecnologia. Um dos atos prevê a cessão de professores brasileiros para a Universidade Panafricana.

O ministro Antonio Patriota (Relações Exteriores) acompanhará Dilma na viagem. Aloizio Mercadante (Educação) também deverá compor a comitiva da presidente.

---

### **Importação de soja pela China cai 19% em abril. Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 21/05/2013**

SÃO PAULO - A China importou 3,98 milhões de toneladas de soja em abril, uma queda de 19% na comparação com o mesmo mês do ano passado, divulgou hoje a Administração Geral da Alfândega do país.

As importações de óleo de soja somaram 30,14 mil toneladas, com queda de 61% na comparação anual. Já a compra de trigo pelos chineses no mês somou 203,34 mil toneladas, redução de 31%. Também com queda em relação ao ano passado ficaram os dados de algodão: 430,87 mil toneladas em abril, 15% menos que em abril de 2012.

Por outro lado, os chineses elevaram as importações de milho e óleo de palma no mês. Foram comprados 419,51 mil toneladas de milho ante apenas 16,42 mil em abril do ano passado. As importações de óleo de palma subiram 28%, para 588,98 mil toneladas no mês.

---

### **Governo dos EUA ajuda Monsanto a vender transgênicos no exterior. Tom Philpott – Site do MST. 21/05/2013**

Quase duas décadas depois de sua estreia nos campos estadunidenses nos anos 90, as sementes transgênicas estão cada vez menos promissoras. Os produtos da indústria aumentam o lucro das colheitas?

A Union of Concerned Scientists (União dos Cientistas Preocupados) pesquisou a questão detalhadamente em um estudo de 2009. Indo direto ao ponto: aumentam marginalmente, se é que aumentam. As sementes transgênicas levam à redução do uso de pesticidas? Não; na verdade, acontece o oposto.

E por que elas reduziriam, se as três ou quatro companhias que dominam as sementes transgênicas (Monsanto, DuPont, Syngenta, Dow) estão também entre as maiores produtoras globais de pesticidas?

As sementes Roundup Ready, da Monsanto, deram início a uma onda de super sementes resistentes a herbicidas e a uma enxurrada de herbicidas, já que os insetos estão se mostrando resistentes às culturas que contêm pesticidas biotecnológicos e fazendo com que os agricultores aumentem o uso de inseticidas.

E as plantações maravilhosas que iriam ser fabricadas geneticamente para resistir à seca e que requerem menos fertilizantes nitrogenados? Até agora elas não apareceram – e há pouca evidência de que um dia o farão.

Ainda assim, mesmo apesar desses problemas, o Departamento de Estado dos EUA tem agido essencialmente como um braço do marketing da indústria agrícola de biotecnologia, completado com figuras de tão alto escalão como a antiga Secretária de Estado Hillary Clinton, declamando pontos de discussão da indústria como se fossem um evangelho, conforme descobriu uma nova análise de documentos internos feita pela organização FWW (Food & Water Watch ou Observatório dos Alimentos & Água, na sigla em inglês).

O relatório do FWW é baseado na análise de telegramas diplomáticos, escritos entre 2005 e 2009 e lançados no grande vazamento de documentos do Wikileaks em 2010. O FWW conclui: “Uma estratégia conjunta para promover a biotecnologia agrícola no exterior força os países a importarem culturas e alimentos biotecnológicos que eles não querem, e faz lobby para que os governos estrangeiros – especialmente nos países em desenvolvimento – adotem políticas para abrir caminho para cultivar plantações biotecnológicas”.

O relatório transborda de exemplos do governo estadunidense promovendo a indústria biotecnológica no exterior. Aqui estão alguns:

O Departamento de Estado encorajou as embaixadas a trazerem visitantes – especialmente repórteres – aos Estados Unidos, já que isso “provou ser uma maneira eficiente de dissipar preocupações sobre [as plantações] biotecnológicas”.

O Departamento de Estado organizou e patrocinou 28 entrevistas de 17 países entre 2005 e 2009. Em 2008, quando a embaixada dos Estados Unidos estava tentando impedir a Polônia de promover uma proibição de rações biotecnológicas para animais, o Departamento de Estado trouxe uma delegação de oficiais de agricultores de alto nível do governo polonês para se encontrar com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, em Washington, fazer um tour pela Universidade Estadual de Michigan e visitar o Chicago Board of Trade.

O Departamento de Agricultura patrocinou uma viagem para que o Ministro de Agricultura e Pecuária de El Salvador visitasse as instalações da Pioneer Hi-Bred, em Iowa, e para que ele se encontrasse com o secretário do Departamento de Agricultura, Tom Vilsack, que deveria “pagar ricos dividendos ajudando [o Ministro] a claramente defender posições políticas sobre os nossos interesses bilaterais mútuos.”

Outro exemplo: este telegrama de 2009, ao qual o relatório do FWW se refere, mostra uma funcionária do Departamento de Estado casualmente solicitando fundos dos contribuintes estadunidenses para combater o esforço popular que exigia a identificação por etiquetas dos alimentos transgênicos em Hong Kong – e vangloriando-se de haver feito isso com sucesso no passado.

Por que se concentrar na política de transgênicos de uma cidade quase independente? A rejeição de uma política de obrigação de etiquetagem “poderia ter influências colaterais na região, incluindo Taiwan, a China e o sudoeste da Ásia”, escreve a funcionária, acrescentando que o seu consulado tinha “intencionalmente projetado programas [contra a etiquetagem] que outras embaixadas e consulados” podiam usar.

O relatório também mostra como o Departamento de Estado forçou os transgênicos em nações africanas de baixa renda – na cara da oposição popular. Em um telegrama de 2009, mostra o FWW, a embaixada norte-americana na Nigéria gabou-se “do apoio do governo estadunidense na redação de uma legislação [pró-biotecnologia], assim como a sensibilização das peças-chave através de um programa de alcance público” tinha ajudado a passar uma lei amigável à indústria.

Trabalhando com a Usaid (Agência dos Estados Unidos Para o Desenvolvimento Internacional, na sigla em inglês), o Departamento de Estado forçou ações similares no Quênia e em Gana, como mostra o FWW.

Ainda assim, como aponta o FWW, ao tão agressivamente forçar as soluções biotecnológicas no exterior, o Departamento de Estado está contrariando o consenso de especialistas em desenvolvimento agrícola expressado na IAASTD (Avaliação Internacional sobre Ciência e Tecnologia Agrícola para o Desenvolvimento, na sigla em inglês), de 2009, um projeto de três anos, convocado pelo Banco Mundial e pelas Nações Unidas e completado em 2008, para aferir quais formas de agricultura seriam melhores para as necessidades mundiais em tempos de rápidas mudanças climáticas.

A IAASTD teve uma visão tão cética da biotecnologia desregulada como uma cura para os desafios dos alimentos no mundo, que a Croplife America, um dos grupos de lobby principais da indústria, achou pertinente denunciá-la.

O governo estadunidense apoiou o lobby da biotecnologia neste caso – apenas 3 dos 61 governos participantes se recusaram a assinar a IASSTD: os Estados Unidos sob comando de Bush filho, o Canadá e a Austrália.

Então por que nossos corpos diplomáticos estão se comportando como se eles respondessem aos acionistas da Monsanto em se tratando de políticas agrícolas? Meu palpite é que a tecnologia de sementes transgênicas, dominada pela Monsanto, bem como nossas elevadas colheitas de soja e milho (que são neste ponto quase completamente feitas de sementes transgênicas), são duas das poucas áreas do comércio global nas quais os Estados Unidos ainda geram um superávit comercial.

O site da Divisão de Políticas de Comércio Têxtil e de Biotecnologia explica assim: "Em 2013, os Estados Unidos preveem exportar US\$ 145 bilhões em produtos agrícolas, US\$ 9,2 bilhões acima das exportações de 2012, e ter um superávit comercial de US\$ 30 bilhões no nosso setor agrícola."

Meu palpite é que os presidentes dos Estados Unidos, tanto democráticos quanto republicanos, estão se debruçando em preservar e expandir esse superávit. O presidente

Obama alterou bastante a política exterior dos Estados Unidos quando assumiu a presidência depois de Bush, em 2009, mas não parece ter mudado nada em relação a forçar a biotecnologia mundialmente.

E esse impulso não está confinado ao Departamento de Estado. Em 2009, quando Obama precisava apontar alguém para liderar as negociações agrícolas na Secretaria de Comércio dos Estados Unidos, ele foi diretamente à indústria de biotecnologia, chamar o vice-presidente de ciências e assuntos regulatórios na CropLife America, Islam A. Siddiqui, que continua no posto até hoje.

Enquanto isso, o Departamento de Estado opera uma Divisão de Políticas de Comércio Têxtil e de Biotecnologia, que existe em parte para “manter mercados abertos para os produtos estadunidenses derivados da moderna biotecnologia” e para “promover aceitabilidade dessa tecnologia promissora”.

A página de biotecnologia do departamento está entremeada de uma linguagem que parece feita de clichês de materiais promocionais da Monsanto.

“A biotecnologia agrícola ajuda os agricultores a aumentar seus lucros, permitindo que eles produzam mais alimentos por acre enquanto reduz as necessidades de químicos, pesticidas, água e cultivo. Isso traz benefícios para o meio ambiente assim como para a saúde e subsistência dos agricultores.”

---

### **Bayer investirá R\$ 152 milhões no Brasil em 2013. Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico, Agronegócios. 22/05/2013**

SÃO PAULO - O executivo Marijn Dekkers, presidente global da Bayer, disse que a multinacional tem importantes lançamentos para 2013 na área farmacêutica no país e no mundo, com um vasto “pipeline” (produtos em desenvolvimento) em medicamentos inovadores.

Com grande participação na área de agronegócios no Brasil, os atuais preços altos das commodities ajudam a elevar a expectativa de vendas da empresa na área Cropscience (agronegócios), uma vez que as cotações em elevação estimulam o aumento da área plantada para grãos, a exemplo de soja e milho, no Brasil.

Para este ano, a companhia planeja investimentos de R\$ 152 milhões no Brasil. Além da divisão de medicamentos, os aportes também serão destinados aos negócios químico e agrícola (defensivos e sementes), importantes áreas de atuação da companhia no país.

Em 2012, o faturamento do grupo foi de R\$ 5,7 bilhões no país, alta de 26% sobre igual período anterior. A expectativa para este ano é manter o ritmo de crescimento acima de dois dígitos.

O Brasil é o quinto maior mercado da empresa no mundo e o maior na América Latina. No ano passado, a receita global ficou em 39,76 bilhões de euros. No primeiro trimestre

de 2013, a receita global do grupo foi de 10,3 bilhões de euros, alta de 3,7% sobre igual período do ano passado.

Se globalmente os segmentos farmacêutico e saúde (“health care”) representam a maior fatia de seu faturamento, no Brasil é o contrário. Dos R\$ 5,7 bilhões, farma fica com 29%. A divisão Cropsience fica com 56%.

Marijn Dekkers disse que as duas áreas vão continuar puxando as vendas do grupo no Brasil. "São duas áreas muito comparáveis porque envolvem cientistas que desenvolvem moléculas, tanto para plantas como para saúde humana. São dois segmentos lucrativos para o grupo", disse.

A empresa não descarta fazer aquisições no país no segmento Cropsience (agronegócios). Dekkers disse que prevê crescimento acima de dois dígitos para os próximos anos em vendas da Bayer no Brasil.

"A crise econômica mundial atingiu muitos grupos no mundo. Na Europa ainda é um desafio. Nos EUA, estamos olhando uma recuperação do mercado. Os países emergentes têm grande potencial para expansão", disse Dekkers.

Na área agrícola, o grupo atua com a venda de defensivos e também sementes. Ele acredita que o potencial agrícola no país é maior para expansão para a Bayer do que nos EUA, por exemplo, um mercado gigante para agricultura. No entanto, segundo Dekkers, o mercado americano está mais estabelecido do que no Brasil.

Para o executivo, as áreas de defensivos e sementes têm igual potencial de crescimento para a Bayer no Brasil.

#### Aquisições

O presidente da Bayer no Brasil, Theo Van der Loo, disse que analisa oportunidades para aquisições no segmento farmacêutico. No entanto, segundo o executivo, não há negociação em curso no momento. "Depende dos ativos, valores, portfólio [de medicamentos]. Tudo isso é avaliado", afirmou.

Segundo ele, a área de Cropsience poderá ter um crescimento maior que o avanço geral da Bayer no país neste ano, em torno de 10%, na comparação com 2012.

No segmento químico, no qual a Bayer também atua, Loo afirmou que as recentes medidas do governo de desoneração tributária devem ajudar a estimular os investimentos nesse segmento. "Sofremos concorrência forte de produtos importados da China", disse.

Para Marijn Dekkers, presidente global da companhia, o Brasil tem condições em poucos anos de se tornar o quarto maior mercado da multinacional no mundo. Atualmente, o país é o quinto maior mercado. "Hoje cedo estávamos fazendo projeções sobre isso e percebemos que o país tem potencial de crescer", disse.

## **Mercado indica queda para o preço do trigo. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 23/05/2013**

A expectativa de uma safra maior no Mercosul já pressiona as cotações do trigo da Argentina para entrega futura. O trigo do país, que é o principal fornecedor do Brasil, está sendo ofertado a US\$ 270 por tonelada para entrega em janeiro, 18% abaixo do preço atual, na casa dos US\$ 330.

No Brasil, a cotação do cereal bateu recorde no mercado à vista. Os negócios com entrega futura, no entanto, permanecem travados com os compradores à espera de uma queda acentuada nas cotações a partir de agosto, quando começam as colheitas no Paraná e Paraguai.

Segundo a Safras & Mercado, a área plantada com trigo no Mercosul vai crescer 18,7% neste ano, para 7,3 milhões de hectares, puxada por Argentina e Brasil. A consultoria prevê um aumento de 29% no cultivo argentino, para 4,5 milhões hectares. No Uruguai, a expansão estimada é de 2,8% e, no Paraguai, de 2,9%. Para o Brasil, a consultoria projeta uma área de 2,01 milhões de hectares, 5,7% maior.

O presidente do Moinho Pacífico, Lawrence Pih, diz que a queda dos preços deve chegar ao Brasil no segundo semestre. "Os moinhos não estão fazendo compras antecipadas nem da safra brasileira nem da argentina, à espera da acomodação do mercado. Acredito em cotações 20% mais baixas no Brasil a partir da próxima safra", diz Pih.

A produção argentina, colhida a partir de novembro, só será liberada para exportação após 15 de dezembro. No entanto, antes disso, em agosto, começa a colheita no Paraná e também no Paraguai, que também destina 90% de suas exportações ao mercado brasileiro.

Na avaliação do especialista da Safras & Mercado, Élcio Bento, a entrada da produção do Paraguai não deve causar uma baixa muito expressiva, pois os estoques dos moinhos e do governo estão muito baixos. "É um fator de pressão, mas não muito significativo", diz Bento.

O fato é que, por enquanto, o mercado físico continua em alta no Brasil com a escassez do cereal no curto prazo. Somente em maio, a valorização acumulada do indicador Cepea/Esalq para o trigo no Paraná é de 4,88% - ontem, o indicador subiu 0,15%, a R\$ 741,73 por tonelada. Mas os bons lotes ainda remanescentes da safra passada são negociados por até R\$ 800 a tonelada no Estado. No Rio Grande do Sul, o indicador também acumula alta em maio, de 4,14% - ontem, o indicador subiu 0,70%, a R\$ 618,33 a tonelada.

Nesse contexto, aumentou a procura pelo trigo ofertado nos leilões da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a maior parte de safras antigas e de menor qualidade. Desde o início dos leilões, o governo ofertou 332,8 mil toneladas do cereal,

sendo que 60% foram adquiridos. No último leilão, os moinhos compraram 71% da oferta.

Diante do pouco volume de trigo disponível do Mercosul, a indústria moageira está sendo obrigada a buscar o cereal nos Estados Unidos e no Canadá. O presidente do Sindicato da Indústria do Trigo de São Paulo (Sindustrigo), Christian Saigh, destaca que, desde março, quando o governo liberou a importação de até 2 milhões de toneladas de trigo de fora do Mercosul sem a cobrança da Tarifa Externa Comum (TEC), já foram compradas em torno de 500 mil toneladas do cereal, que começam agora a chegar aos portos brasileiros. Segundo Saigh, a previsão é que o país importe da Argentina 2,5 milhões de toneladas neste ano, ante 5 milhões de 2012.

---

### **Antônio Andrade recebe ministro da Agricultura de Serra Leoa – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 24/05/2013**

*Africano demonstrou interesse por programas brasileiros voltados para o combate à fome*

O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Antônio Andrade, reuniu-se nesta sexta-feira, dia 24 de maio, com o ministro da Agricultura de Serra Leoa, Joseph Sam Sesayano, para apresentar os programas implementados pelo governo brasileiro para o setor agrícola, incluindo aqueles voltados para segurança alimentar e cooperação Sul/Sul.

Participaram do encontro o secretário de Relações Internacionais do Agronegócio, Célio Porto, o presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Rubens Rodrigues dos Santos, e o representante da FAO (Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) em Serra Leoa, Walter de Oliveira.

Entre os programas brasileiros apresentados, o ministro de Serra Leoa interessou-se particularmente pelo Programa de Aquisição de Alimentos desenvolvido pela Conab.

“Buscamos aqui no Brasil principalmente os programas de combate à fome. Olhamos vários países, mas o Brasil é o que mais pode dar este aparato para nós”, disse Sesayano.

O Ministro Antônio Andrade informou ao seu colega de Serra Leoa que a presidenta da República, Dilma Roussef, tem interesse em estabelecer uma cooperação entre Brasil e África.

“A presidente tem uma grande preocupação com o continente africano. Nossos países são semelhantes, temos terras parecidas. Queremos também que vocês tenham segurança alimentar e possam exportar o excedente”, colocou.

O Programa de Aquisição de Alimentos, que comemora neste ano 10 anos, consiste na compra de alimentos de produtores que não têm para quem comercializar, sendo destinados para quem não possui condições de comprar.

“Aqui no Brasil destinamos os produtos basicamente para creches e entidades filantrópicas”, explicou o presidente da Conab.

Ao final da reunião foram entregues ao ministro Joseph folhetos explicativos sobre todos os programas brasileiros relacionados a estas áreas que serão analisados para possível implantação.

---

### **Colômbia e Farc fecham histórico acordo sobre reforma agrária – Folha de São Paulo, Mundo. 26/05/2013**

O governo da Colômbia e as Farc chegaram a um acordo sobre o primeiro dos seis pontos que compõem as negociações de paz entre ambas as partes.

O anúncio foi feito neste domingo em Havana (Cuba), depois de seis meses de debates, e marca o primeiro avanço concreto do atual esforço pelo fim do conflito, que já dura 50 anos.

O tópico da reforma agrária era considerado um dos mais sensíveis, já que foi um dos principais motivos pelos quais as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) surgiram, em 1964.

O acordo, informaram as partes, trata do desenvolvimento econômico e social das áreas rurais colombianas e de uma reforma agrária que beneficie a população dessas áreas, e entrará em vigor quando as negociações de paz forem encerradas.

"Nada está acordado até que tudo esteja acordado", disse o chefe da delegação de Bogotá, Humberto de la Calle.

O conflito entre governo e guerrilha, o mais longo da América Latina, já matou mais de 100 mil pessoas e deixou milhões de desalojados.

O acordo deste domingo foi divulgado em um ato formal no Palácio de Convenções de Havana ao qual estiveram presentes os negociadores do governo e da guerrilha e representantes dos países fiadores do processo (Cuba e Noruega) e dos acompanhantes (Venezuela e Chile).

---

### **‘A guerra não é mais a única política do país’. André Lobato – O Globo, Mundo. 26/05/2013**

*Para copresidente da Comissão de Paz do Congresso, Ivan Cepeda, processo é vitória de movimentos sociais*

*Como vê o resultado do primeiro ponto desse acordo, justamente sobre questão agrária?*

A origem do conflito é a distribuição desigual da terra e de políticas contrárias ao trabalhador rural. Se as Farc e o governo propõem uma reforma agrária na Colômbia, tem-se aí uma possibilidade de gerar condições socioeconômicas reais, desde o ponto de vista territorial. O que ocorreu hoje é inédito e possui caráter histórico. Foi uma imensa prova de construção de confiança.

*Qual o significado do anúncio para a sociedade colombiana?*

Um grande significado desse acordo é a derrota do discurso da extrema-direita de que é impossível um processo de paz na Colômbia. Esse acordo mostra que não se está perdendo tempo em Havana. Trata-se de uma conquista de todas as forças de paz da Colômbia, que sempre acreditaram nesse processo. Por exemplo, as organizações camponesas. O movimento de mulheres foi fundamental, porque elas contribuíram dando um rosto humano ao conflito. Perdem os que acreditam que a guerra é a única maneira de fazer política na Colômbia.

*E os próximos passos?*

Resolver o problema agrário implica resolver o problema do narcotráfico, que é resultado do empobrecimento. Esse acordo parcial é uma mudança de paradigma do narcotráfico e do uso ilícito da terra e regenera a dinâmica em relação a esse problema. O próximo passo é a participação política, com o desenvolvimento do poder local. Enquanto isso, seguimos com as mesas regionais de paz do Congresso, que reúnem milhares de pessoas e vítimas do conflito para discutir e apresentar soluções que depois são encaminhadas para Havana. Na última reunião, compareceram cerca de 3 mil pessoas.

---

### **CONTAG marca presença em reuniões da UITA na Suíça – Site da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Agricultura (CONTAG). 27/05/2013**

A secretária de Mulheres Trabalhadoras Rurais da CONTAG, Alessandra Lunas, representa a entidade, nesta semana, em duas reuniões promovidas pela União Internacional de Trabalhadores em Alimentação, Agricultura e afins (UITA), em Genebra, Suíça. Nesta segunda, 27 de maio, acontece a Reunião do Comitê da Mulher. Na ocasião, a dirigente fará uma apresentação sobre a “Violência no Campo na perspectiva de Gênero na América Latina”.

No dia 28, acontecerá a reunião do Comitê Administrativo da UITA. Já nos dias 29 e 30, a do Comitê Executivo da UITA. Em maio de 2012, Alessandra foi eleita membro do Comitê Executivo durante o 26º Congresso da UITA. Ela representa a CONTAG e COPROFAM.

---

## **O mundo negocia sem o Brasil – O Estado de São Paulo, Opinião. 29/05/2013**

As negociações comerciais mais promissoras são as bilaterais e regionais, como têm sido há vários anos, e a Aliança do Pacífico, iniciativa dos governos mexicano, colombiano, peruano e chileno, é mais uma aposta em um acordo parcial, mas com enormes possibilidades de ramificação. Enquanto isso, o Brasil continua preso a um Mercosul estagnado, joga suas fichas na reativação da Rodada Doha, paralisada há vários anos, e insiste em dar prioridade às relações Sul-Sul. Nos últimos dez anos, o governo brasileiro agiu como se a busca de mais acordos com o mundo rico fosse mais arriscada que vantajosa e, é claro, um erro geopolítico e um pecado ideológico. Não foi essa a estratégia de outros países emergentes - como a China, a Rússia, a Índia e a África do Sul - e de vários países latino-americanos. Nesse período, todos, ou quase todos, tomaram espaço dos produtores brasileiros nos mercados mais desenvolvidos e até no Mercosul e na vizinhança sul-americana.

Reunidos na semana passada em Cali, na Colômbia, governantes da Aliança do Pacífico decidiram iniciar em 30 de junho o corte de 90% das tarifas de importação cobradas entre os quatro países. Além disso, admitiram sete países como observadores - El Salvador, Equador, França, Honduras, Paraguai, Portugal e República Dominicana. Austrália, Canadá, Costa Rica, Guatemala, Japão, Panamá, Nova Zelândia e Uruguai já tinham esse status. Um acordo de livre comércio entre Colômbia e Costa Rica foi combinado como primeiro passo para a admissão de um quinto sócio. A negociação de um acordo comercial entre Colômbia e União Europeia está avançada. O mesmo caminho já foi seguido pelo Peru.

Os quatro países da Aliança do Pacífico têm crescido mais que o Brasil, com inflação menor, e têm multiplicado acordos comerciais com países desenvolvidos e em desenvolvimento, sem se prender a discriminações entre economias do Norte e do Sul. Com 209 milhões de pessoas, os sócios do bloco têm um Produto Interno Bruto (PIB) de cerca de US\$ 1,7 trilhão e suas exportações no ano passado foram maiores que as dos países do Mercosul. Podem competir com o Brasil e outros sócios do Mercosul, na atração de investimentos, pela dimensão de seu mercado conjunto, pela abertura econômica e pelo dinamismo comercial.

Enquanto outros países se movem, o Brasil continua preso a um bloco emperrado pelo protecionismo interno e incapaz de concluir acordos comerciais relevantes. O interesse do Paraguai e do Uruguai pela recém-formada Aliança do Pacífico é um claro sinal de descontentamento com o Mercosul. No caso do Paraguai, esse descontentamento é reforçado pelo tratamento imposto ao país depois da cassação do mandato do presidente Lugo. Esse tratamento foi parte de um golpe para facilitar a admissão da Venezuela bolivariana, uma democracia exemplar, segundo os governos petista e kirchnerista.

Incapaz de se engajar em qualquer iniciativa mais promissora, Brasília renova esforços pela reativação da rodada global. Coordenado pelo Brasil, o G-20 agrícola, um dos vários grupos formados à sombra da Organização Mundial do Comércio (OMC), acaba

de propor o corte imediato, pelos países desenvolvidos, de 50% dos subsídios à exportação do agronegócio. A proposta é um lance preparatório da reunião ministerial de Bali, programada para dezembro. O recém-eleito diretor-geral da OMC, o embaixador brasileiro Roberto Azevêdo, anunciou a intenção de aproveitar esse encontro de representantes de 159 países para dar novo impulso à Rodada Doha. A sugestão do G-20 agrícola, segundo o governo americano, é inaceitável e reduz as possibilidades de um entendimento em Bali.

Ministros das maiores potências comerciais continuarão trabalhando na preparação do encontro de dezembro. Uma reunião foi marcada para esta semana em Paris. Mas poucos se arriscam a prognosticar uma virada importante em Bali. Se os céticos estiverem certos, um dos maiores perdedores será o Brasil, pela incapacidade de seu governo de criar alternativas razoáveis a um acordo global.

---

### **MDA e ONU estudam expansão de programa brasileiro de compras públicas – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 29/05/2013**

A expansão do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) para os mercados internacionais foi tema de reunião entre o ministro do Desenvolvimento Agrário (MDA), Pepe Vargas, e uma comitiva do Programa Mundial de Alimentos (PMA), da Organização das Nações Unidas (ONU), na tarde desta quarta-feira (29), em Brasília (DF). A entidade tem interesse em habilitar a comercialização dos produtos brasileiros para outros países e, assim, reproduzir a sistemática do programa, que garante o acesso a alimentos em quantidade e regularidade necessárias às populações em situação de insegurança alimentar e nutricional.

“O PAA estimula curtos circuitos de comercialização que são mais sustentáveis para a agricultura familiar. Além disso, há a possibilidade de venda direta para o governo. Nos interessa dialogar com outros países, trocar experiências. Para nós, é uma oportunidade de criar mais uma alternativa para os agricultores familiares brasileiros”, avaliou o ministro Pepe Vargas.

Criado pelo Governo Federal em 2003, o PAA é um forte instrumento no Brasil para o enfrentamento à fome e à pobreza e, ao mesmo tempo, também é conhecido por fortalecer a agricultura familiar. A operacionalização do Programa consiste em comprar alimentos diretamente dos agricultores familiares, sem processo licitatório e com preços compatíveis aos praticados nos mercados regionais para as modalidades de compra institucional, apoio à formação de estoques, compra direta e incentivo à produção e ao consumo de leite.

Atualmente, o Programa já é executado em alguns países africanos. “A implementação do PAA internacionalmente é um grande desafio que, juntos, poderemos fazer”, sintetizou a diretora do PMA no Brasil, Claudia Von Roehl.

---

**Produção argentina de grãos é a segunda maior da história. Fernanda Pressinott – Valor Econômico, Agronegócios. 29/05/2013**

SÃO PAULO - O Ministério da Agricultura da Argentina confirmou que a produção de grãos neste ano-safra deve ser a segunda maior da história do país, ao alcançar 102,6 milhões de toneladas. Dessa forma, a colheita irá superar em 11 milhões de toneladas a produção do ciclo 2011/12.

Este aumento é consequência da produção recorde de milho, amendoim e cevada, além disso, será a melhor campanha para produção de sorgo dos últimos 30 anos. A produção de soja deve crescer 26% na comparação entre os ciclos.

No caso do trigo, que se recupera de uma produção baixíssima em 2011/12, o ministério afirmou, em nota, que espera uma recuperação de 25% na área de plantio, que deve chegar a 4 milhões de hectares.

No caso da cevada, o ministério confirmou uma produção recorde de 5,16 milhões de toneladas. Para o milho, 25,7 milhões de toneladas ante 21,2 milhões de toneladas no ciclo anterior. “Com estes volumes, a produção de milho também se mostra a maior da história da Argentina”, diz nota.

A produção de soja, que deve crescer 26%, chegará a 50,6 milhões de toneladas neste ano-safra, segundo as estimativas do ministério.

No caso do sorgo, a projeção é de 4,5 milhões de toneladas produzidas, a maior desde o ciclo 1984/85.

---

**SLC Agrícola conclui associação com o grupo Dois Vales. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 30/05/2013**

SÃO PAULO - A SLC Agrícola, uma das principais produtoras de grãos e fibras do país, comunicou ontem que assinou o contrato de criação de uma joint venture com o grupo Dois Vales (Soares Penido Obras, Construções e Investimentos). Em 8 de março deste ano, a companhia havia comunicado ao mercado a intenção de se associar ao grupo. Trata-se de uma das estratégias da SLC Agrícola de promover o crescimento da companhia.

A joint venture vai desenvolver a atividade de cultivo e comercialização de commodities agrícolas em uma fazenda (Fazenda Pioneira) no município mato-grossense de Querência e, para isso, tem disponíveis na propriedade uma área de 20 mil hectares (líquidas de reservas legais).

Pelos termos do contrato, a SLC Agrícola deterá 50% da joint venture e o grupo Dois Vales, outros 50%. A nova empresa terá um contrato de parceria agrícola com a Agropecuária Roncador (controlada pela Soares Penido), que é a detentora das terras.

À SLC Agrícola caberá a gestão da joint venture, pela qual receberá uma taxa anual, cujo valor não foi informado.

A área da fazenda Pioneira, hoje plantada com pasto, será cultivada na primeira e na segunda safras. Na temporada 2013/14 serão plantados 10 mil hectares. No ciclo seguinte, serão 20 mil. Em 2015/16, a intenção é plantar 25 mil hectares e, em 2016/17, 30 mil hectares, conforme comunicado da companhia.

No último ciclo, a SLC Agrícola cultivou 282 mil hectares, entre soja, milho e algodão.

---

**Sob a influência do 'mercado de clima'. Gerson Freitas Jr., Mariana Caetano, Fernanda Pressinott e Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 31/05/2013**

Como acontece todos os anos desde meados do século XIX, quando a necessidade dos produtores americanos em garantir a comercialização de suas safras levou à criação da bolsa de Chicago, em 1848, e dos contratos futuros, em 1865, o "mercado de clima" foi o principal fator ligado aos fundamentos de oferta e demanda a nortear as cotações internacionais dos grãos em maio. É tempo de plantio nos Estados Unidos, e nesta época as cabeças estão viradas para o céu.

Assim, independentemente das áreas plantadas nos EUA nesta safra 2013/14 e das boas perspectivas para as colheitas no país depois da dura quebra de 2012/13 - o escoamento começará a ganhar ritmo no início do segundo semestre -, as chuvas que atrasaram o início do plantio e os riscos que ainda pairam sobre as lavouras do Meio-Oeste limitaram a queda do milho e garantiram a alta da soja em Chicago no mês. Segundo cálculos do Valor Data baseados nas médias mensais dos futuros de segunda posição de entrega (normalmente os de maior liquidez), o cereal recua 3,94% sobre abril, e a oleaginosa sobe 1,76%.

Em tempos de "financeirização" dos mercados agrícolas, movimento que amadureceu na segunda metade do século XX e vive seu auge em meio às incertezas econômico-financeiras que mantêm o crescimento global nas cordas, os fundos que especulam com grãos também ofereceram suporte aos preços, sobretudo os da soja, plantada depois do milho nos EUA. De acordo com a Comissão de Comércio de Futuros de Commodities (CFTC) americana, no dia 21 os investidores institucionais tinham posição líquida de compra (descontada a posição vendida) de 105,6 mil contratos futuros e de opções em soja, 18,9% mais que na semana anterior e maior posição comprada desde o dia 2 de abril.

Mas, apesar do aumento da posição líquida, os números da CFTC mostram que os investidores estão abrindo posições nas duas pontas do mercado, em uma aposta dividida sobre a tendência para os preços da commodity nos próximos meses. Em termos brutos, o número de contratos de compra (instrumento com o qual os investidores apostam na alta dos preços) cresceu 15,3% na última semana da série, para

210 mil. Mas o número de contratos de venda (com os quais aposta-se na baixa) cresceu 12%, para 104,5 mil, na maior posição bruta de venda desde setembro de 2006. Ou seja, nos últimos sete anos, os fundos nunca estiveram tão preparados para faturar com a queda dos preços da soja.

Essa divisão de apostas traduz o que indicam hoje os radares meteorológicos. Sim, oscilações vinculadas ao volume de chuvas e seus efeitos sobre o desenvolvimento das lavouras nos EUA virão nas próximas semanas, com boas possibilidades de lucros para os fundos. Mas, de maneira geral, é pequena a chance de o clima reduzir de forma expressiva a produção, abrindo caminho para uma recomposição de estoques mundiais que já começou com a produção recorde na América do Sul - puxada pelo Brasil - na temporada 2012/13. No mercado de milho, o embate entre fundos e fundamentos apresenta um viés mais negativo, até porque os americanos produzem quase quatro vezes mais milho do que soja, seu peso no mercado global do cereal é muito maior e tudo indica que a colheita será farta.

Como a alta de maio interrompeu uma sequência de dois meses de perdas para a soja, a queda dos futuros de segunda posição em relação à média de dezembro diminuiu para 3,87%. Na comparação com maio de 2012, a média deste mês é 0,89% menor. No milho, a retração em relação a dezembro aumentou para 16,23% e a alta sobre maio do ano passado recuou para 6,96%. Já o trigo, que forma com milho e soja o trio de grãos com maior liquidez no comércio global, sobe 0,45% em maio, cai 13,92% em relação a dezembro e sobe 9,32% na comparação com maio de 2012. A neve que atrapalhou o desenvolvimento final das lavouras de inverno nos EUA e a chuva que afeta a safra de primavera do país têm interferido no rumo das cotações, mas outros países, como a Rússia, têm limitado as valorizações.

Na bolsa de Nova York, as "soft commodities" registraram variações modestas. Com estimativa de déficit global - o primeiro em três anos - da ordem de 60 mil toneladas na safra 2012/13, o cacau encerra o mês com preço médio 2,44% superior ao de abril. No mercado de suco de laranja, adversidades climáticas e a proliferação da doença conhecida como greening garantem uma pequena alta de 1,09% sobre o mês passado, apesar de novas quedas das vendas da bebida no varejo dos EUA. Açúcar e café recuam na comparação - 1,19% e 0,71%, respectivamente -, ainda sob a influência das boas produções esperadas no Brasil. E o algodão, que vinha em franca recuperação, tem baixa de 1,66%.

Ainda que permaneçam distantes das máximas históricas de suas médias mensais, atingidas em 2011 - exceto o suco, cujo pico foi em 2006 -, as "soft", menos básicas que os grãos, também seguem bem acima das mínimas mensais, verificadas entre 1999 (açúcar) e 2004 (suco). Aqui, a esperança é a que a economia reaja de forma a estimular o incremento do consumo.

---

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,  
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,  
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,  
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,  
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

**Assistentes de Pesquisa**

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

**Secretária**

Diva de Faria



**CPDA** Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais  
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: [www.ufrj.br/cpda/oppa](http://www.ufrj.br/cpda/oppa)